

Federação Portuguesa de Xadrez

A propósito do 60º aniversário

A Federação Portuguesa de Xadrez - a mais antiga instituição do nobre jogo desta ponta da Europa e também das velhas federações do desporto lusitano - completa neste ano seis décadas de existência; foi em 1927 que se fundou este organismo basilar, pequenino na origem, ao longo dos tempos repleto de vicissitudes sem conto, hoje superintendente de uma actividade considerável, desde sempre fazendo milagres, ora de sobrevivência, ora de operacionalidade à altura dos seus desígnios.

Rezam as crónicas de antanho - muito especialmente as que o falecido jornalista e xadrezista valoroso, Alves Morgado, escreveu há meio século, no extinto jornal "A Voz", subordinadas ao título Subsídios para a História do Xadrez em Portugal - que a iniciativa da criação da FPX nasceu de um reduzido grupo de boas vontades, porventura para corresponder ao apelo da FIDE - fundada três anos antes - para se alargar o círculo dos países filiados.

Textualmente:

"...Convocaram delegados de todos os grupos de xadrez portugueses - bem poucos - e, numa reunião realizada na sala de xadrez do Grémio Literário, colectividade cujas históricas tradições de xadrez jazem hoje mergulhadas em "apagada e vil tristeza", foi criada em Portugal uma delegação da FIDE, ou seja a Federação Portuguesa de Xadrez. Coligaram-se de início o Grupo de Xadrez Damião de Odemira (Grémio Literário), presidido por Avila da Graça; o Grupo de Xadrez do Grémio Lisbonense, presidido por Carlos Rombert; o Grupo de Xadrez de Alpiarça, presidido por João Maria da Costa; o Grupo de Xadrez do Clube Farense, presidido pelo capitão Elias Garcia; o Grupo de Xadrez das Amoreiras, presidido por Carlos Pires; o Grupo de Xadrez do Clube Portuense, presidido pelo Marquês de Ficalho. O primeiro Conselho director foi constituído por delegados deste grupo e presidido pelo dr. João Maria da Costa."

Estes foram os caboucos da vetusta F.P.X.. Tão

frágeis que logo dois anos depois, sem vintém e reduzida a três directores, chegou a ser discutida a sua extinção. Sobreviveu, graças à bolsa generosa de alguns, só "para manter a fachada" perante a FIDE, sendo praticamente nula a sua actividade, tal como nos escassos núcleos em que se praticava o xadrez.

Até que, em 1933 se funda o Grupo de Xadrez de Lisboa, na Sociedade de Geografia, que durante um quarto de século (em 1958, passou-se com "armas e bagagens" para o vizinho Ateneu) foi dos xadrezistas lisboetas. Mas o marasmo competitivo manteve-se por largo tempo, de tal ordem que o III Campeonato de Portugal só se organizou em 1937 - dez anos depois da fundação federativa, o seu primeiro, afinal, pois os transactos tinham sido em 1911 e 1926!...

Os três primeiros campeões nacionais foram obreiros da Federação - António Maria Pires, Mário Machado e Carlos Pires, este último um pilar da F.P.X. durante muitos anos e felizmente ainda vivo.

Esse ano de 1937, há meio século, portanto, terá sido a primeira época dourada do xadrez nacional. Fundou-se a Revista Portuguesa de Xadrez - repositório histórico daqueles tempos e exemplo perene aos xadrezistas de várias eras e contemporâneos!... e, além daquele campeonato e alguns outros torneios, por esse tempo que Portugal xadrezístico foi pela primeira vez falado lá fora (à parte a referência da naturalidade do nosso pioneiro quinhentista Damião de Odemira). A equipa nacional de xadrez por correspondência classificou-se para a final da Olimpíada Europeia e viria a classificar-se surpreendentemente em 4º lugar!

Em 1945, o baptismo internacional no xadrez clássico - Portugal-Espanha, "match" a oito tabuleiros em dupla volta, que perdemos honrosamente por 12,5-3,5. Em 1947 - há 40 anos - pela primeira vez um português vai além fronteiras competir numa prova da FIDE (João de Moura, o quarto campeão nacional, no Zonal do Campeonato do Mundo, na Alemanha). Em 1952, o primeiro Torneio Internacional de Lisboa (a capital teve de esperar 30 anos para ver segundo!...)

O primeiro terço da década de 50 foi talvez a segunda etapa dourada, pois por esse tempo

actuou também em Madrid e Barcelona a equipa do GXL, disputou-se o primeiro Nacional de Equipas (na Figueira da Foz, ganho por aquele Grupo da Sociedade de Geografia) e, entre outras realizações, fez-se o primeiro torneio feminino.

Naturalmente que, entretanto, a modalidade criara raízes, expandindo-se aos poucos, reorganizando-se, promovendo competições mais regulares, fundando-se mais Grupos de Xadrez (o mais antigo é o Grupo de Xadrez do Porto, surgido em 1940, e em Lisboa é o GX Alekhine, fundado em 30 de Maio de 1947) e concitando clubes ecléticos a formarem secções (a primeira do S.L. Benfica data de 1943), além de agregados universitários, como no Instituto Superior Técnico, campeão de Lisboa em 1942. E por despacho de 16 de Setembro de 1944, o Xadrez foi integrado na Direcção Geral dos Desportos, sendo o dr. Ayala Botto o primeiro inspector adstrito à nossa modalidade. A FPX e também a antiga Associação de Xadrez do Sul chegaram a funcionar precariamente na sede dos vários organismos desportivos da Praça da Alegria, quando foram desalojadas da Sociedade de Geografia, antes mesmo da transferência do Grupo de Xadrez para o Ateneu Comercial de Lisboa.

Só em 1958 Portugal compareceu pela primeira vez na Olimpíada de Xadrez - a XIII, em Munique (31º lugar entre 36 países). No âmbito internacional, individual, pontificava Joaquim Durão, praticamente o único xadrezista português conhecido lá fora durante largas temporadas. Entre 56 e 58 ganhou torneios internacionais em Merida, Skerries (Irlanda), Beira, Luanda e Salamanca; mais tarde, vários em Espanha, e ainda em Detmold (RFA) e Southport (Inglaterra).

Ainda na década de 60 passou a ver-se portugueses nos Mundiais de Juniores, destacando-se João Cordovil com o 13º lugar em Barcelona (1966). Fernando Silva foi o estreante lusitano dos "Europeus" em Groninga, Holanda, alcançando o 13º lugar (3º na final - B) em 1971.

Pouco mais se fazia então, em matéria de intercâmbio internacional, e até no âmbito interno, para além das provas mínimas oficiais (Durão ganhou 13 títulos de campeão nacional, hoje ainda o "record", indo assim mais vezes aos Zonais do campeonato do mundo, e tudo porque os recursos económicos e humanos da Federação continuavam a ser precários para acertar o passo com a Europa...

É na década de 70, mercê de vários acontecimentos e o aparecimento de uma pleiade de jovens talentosos, que o Xadrez "arranca" decisivamente em Portugal. O primeiro clarim soou em 1972 aquando do "match" Fischer - Spassky para o título mundial, que despertou em Portugal uma repercussão inesperada. Em 1974, Joaquim Durão e Fernando Silva ganham os primeiros títulos de mestre-internacional (Durão já o era assim considerado, no mundo de xadrez...) e na Olimpíada de Nice, Portugal obteve a sua melhor classificação de sempre, o 31º lugar entre 73 países. Também nesse ano, João Cordovil e António Fernandes (rotulado de menino prodígio com 11 anos) ganhou respectivamente os "opens" internacionais principal e juvenil de Manresa.

Ainda em 1974, o evento mais transcendente: a Revolução de 25 de Abril transforma o País e mentalidades, e finalmente o Xadrez passou a ser encarado como desporto privilegiado, a nível estatal! Sai a "sorte grande" à velha FPX: em 1976-77, a DGD concede-lhe um subsídio, jamais sonhado, de 830 contos - o que cremos ser equivalente a cerca de 8000 contos, hoje.

Em 1977, a Federação Portuguesa de Xadrez completou meio século de existência e festejou o cinquentenário com diversas realizações: um torneio a nível nacional que registou cerca de 2400 participações (!), um outro para jogadores com o mínimo da idade da Federação (50 anos); concurso de soluções de problemas e outro de composição, internacional (tema Margarida); emissão de postais ilustrados e de uma medalha comemorativa.

Termina aqui a nossa evocação, não só porque o que segue é história contemporânea (será outra história...), mas porque o cronista pretende frizar a lacuna que será não se comemorar de algum modo o 60º aniversário da Federação Portuguesa de Xadrez. A efeméride não se compara em tradicionalismo às chamadas "bodas de ouro", mas julgamos que algo se devia fazer, como por exemplo, um torneio internacional (que não houve nas comemorações cinquentenárias em 1977), numa alegoria, talvez no Grémio Literário, onde "nasceu" a FPX...

Pensamos que a dimensão actual do xadrez português justifica que o seu organismo de cúpula se honre a si próprio, com a colaboração possível de congéneres estrangeiras.

Vasco Santos - Mestre Nacional

XADREZ



Leia neste número:

- Kasparov - Short jogam para a televisão
- Campeonatos Nacionais
- Karpov refuta novidade de Kasparov

Leia no próximo número:

- Campeonato Mundo 1990, Zonais e Interzonais
- Nacional semi-rápidas apurará para Mundial?
- Dragão na mó de baixo ?